

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

Silvia TEDESCO¹

Dayse BISPO²

Luciano Bedin COSTA³

Resumo

Este artigo evoca, sob a forma da escrita de cartas, questões relacionadas à saúde e adoecimento institucional no contexto universitário. O texto é composto por oito cartas, em que as autoras e o autor (que trabalham como docentes em três universidades diferentes) compartilham cenas e experiências decorrentes de seus cotidianos de trabalho. O recurso metodológico escolhido é o da cartografia, uma composição entre a cartografia (a qual valoriza o processo) e a escrita de cartas, na tentativa de dar língua aos afetos que tonalizam o cenário apresentado. Toma-se como disparador o enunciado “todo mundo sabe que a universidade adocece”, proferido por estudantes de graduação, na tentativa de fazer uma leitura do mesmo a partir do exercício disruptor que a polifonia das cartas produz. No entanto, ainda que a expressão do sofrimento tenha impacto nos sujeitos (por meio de sentimentos como ansiedade, esgotamento, racismo, angústia e não pertencimento), sua compreensão deve ser percebida na dimensão do coletivo. Ao centrar a questão exclusivamente no indivíduo, a dimensão política parece desaparecer, as implicações da instituição também desaparecem, e, uma vez restringidos os fatores determinantes à dimensão pessoal, somem de cena grande número de componentes indispensáveis à cartografia das forças, ou seja, das políticas dos afetos ali atuantes.

Palavras-chave: cartas; adoecimento institucional; cartografia

¹ Professora titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense; Pós-doutorado em Análise Institucional na Universidade de Paris 8; Coordenadora do Observatório Nacional de Saúde Mental, Justiça e Direitos Humanos/UFF. <https://orcid.org/0000-0002-3866-019X>

E-mail: silviahelenatedesco@id.uff.br

² Doutora em Psicologia Social. Professora da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. <https://orcid.org/0000-0002-3635-2652>, E-mail: dayse.bisposilva@gmail.com

³ Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, <https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>, E-mail: bedin.costa@gmail.com

"Everyone knows that the university is getting sick": 'lettergraphy' on health and institutional illness

Silvia TEDESCO

Dayse BISPO

Luciano Bedin COSTA

Abstract

In this article, the authors explore the issues of health and institutional illness in higher education through the form of letters. In eight letters, the authors (who are professors at three different universities) discuss scenes and experiences that arise from their daily work. As a methodological resource, it was chosen 'lettergraphy', a combination of cartography (which values the process) and letter writing to describe the sentiments underlying the presented scenario. Undergraduate students' statement "everyone knows the university is getting sick" is used as a starting point for making a reading from the disruptive exercise that the polyphony of letters suggests. As much as this expression of suffering has an impact on the subjects (through feelings such as anxiety, exhaustion, racism, anguish, and non-belonging), its understanding must be viewed from a collective perspective. By focusing only on the individual level, it eliminates the political dimension and institutional implications. When determining factors are restricted to only one dimension, a number of crucial components for cartography disappear, namely, policies for active action by forces.

Keywords: letters; institutional illness; cartography

"Todo el mundo sabe que la universidad enferma": cartografías sobre salud y enfermedad institucional

Silvia TEDESCO

Dayse BISPO

Luciano Bedin COSTA

Resumen

Este artículo evoca, en forma de carta, cuestiones relacionadas a la salud y la enfermedad institucional en el contexto universitario. El texto es compuesto por ocho cartas en las que las autoras y el autor (que trabajan como docentes en tres universidades diferentes) comparten escenas y experiencias surgidas en su trabajo diario. El recurso metodológico elegido es la cartografía, una composición entre la cartografía (que valora el proceso) y la escrita de cartas, en un intento de dar lenguaje a los afectos que tonifican el escenario presentado. Se toma como detonante el enunciado “todo el mundo sabe que la universidad enferma”, pronunciada por estudiantes universitarios, intentando hacer una lectura de éste a partir del ejercicio disruptivo que produce la polifonía de las cartas. Sin embargo, si bien la expresión del sufrimiento tiene impacto en los sujetos (a través de sentimientos como ansiedad, agotamiento, racismo, angustia e falta de pertenecimiento), su percepción debe ser percibida en la dimensión colectiva. Al centrar la cuestión exclusivamente en el individuo, la dimensión política parece desaparecer, junto con las implicaciones de la institución y, una vez que los condicionantes se restringen a la dimensión personal, desaparecen de escena un grande número de componentes indispensables a la cartografía de las fuerzas, o sea, de las políticas de los afectos allí actuantes.

Palabras clave: cartas; enfermedad institucional; cartografía

"Todo mundo sabe que a universidade adoce": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

Introdução

Vão chegando muito cedo, saem de casa de madrugada, alguns carregando colchão. Aguardam a hora do prédio abrir às oito, na espera de conseguirem se inscrever. Acontece às segundas-feiras, por volta das cinco da manhã na porta do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade. As vagas limitadas levam muitos que moram longe, e que acordam de madrugada, a voltarem para tentar a sorte uma outra vez. Os estagiários comentaram: “Número grande de estudantes!!! São todos da nossa universidade!!! E sobe a cada mês!”. Só eles têm conseguido vaga. Conhecem mais as rotinas ou moram mais perto, lotam a fila do serviço. O que acontece? Ou ainda, o que vem acontecendo e só agora transbordou nossa escuta?

Carta 1

Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre,
março de 2022

Olá leitora e leitor!

Antes de tudo, gostaríamos de nos apresentar. Dentre tantas coisas, somos docentes, trabalhamos com ensino superior em três universidades distintas. O que iremos trazer por meio destas cartas são reflexões gestadas ao longo de nossas práticas acadêmicas, seja na docência, na pesquisa e na extensão. Mas não se trata de reflexões quaisquer. Aliás, o que nos propomos a problematizar é algo difícil, uma vez que estamos imersas no problema que queremos enfrentar. Por isso, ao invés de começamos estas reflexões fazendo um estado da arte sobre o tema, optamos em experienciar acessarmos nossas questões através de uma escrita mais afetuosa e implicada, provocada pela metodologia da “cartografia” que explicaremos melhor mais a frente. O que traremos para discussão são recortes de experiências vivenciadas em nossos cotidianos de trabalho, e que servirão de suporte para reflexões sobre os processos de saúde e adoecimento no contexto institucional acadêmico. A cena que inicia este texto é, de certa forma, emblemática, assim como a assertiva “Todo mundo sabe que a universidade adoce”, proferida por estudantes de graduação em uma de nossas práticas profissionais (falaremos melhor sobre esta cena em cartas posteriores). Identificamos na frase e na cena inicial elementos problematizadores dos lugares que ocupamos e movimentamos na universidade, levando-nos a enfrentar perguntas difíceis, mas necessárias: O que acontece, o que nos acontece? O que nos imersa? O que nos transborda? A todos! Estudantes, professores, técnicos,

funcionários em geral. A universidade está adoecida? A universidade nos adocece ou somos nós que adoecemos?

O certo é que sentimos a lógica empresarial dentro dos processos formativos universitários, que vai nos deslocando cada vez mais de uma estrutura curricular coletiva e crítica. Precisamos cumprir metas de publicação, prazos imediatistas e condições desafiadoras de condições para o trabalho. Da mesma forma, nossas e nossos estudantes relatam cansaço extremo, grades curriculares preenchidas de atividades, sem tempo muitas vezes para descanso ou leituras com qualidade, muito material e tudo para ontem, sem tempo de elaboração das disciplinas. Que modos de funcionamento institucional é esse que estamos todos vivendo?

De modo a oferecer “língua aos afetos” (ROLNIK, 2016, p. 23) que nos atravessam, optamos pelo recurso epistolar, pela escrita de cartas que pudessem, de certa forma, criar um corpo problematizador para situações que, por serem cotidianas, por vezes nos escapam. Lembramos aqui de Blanchot (2007, p. 237), quando nos diz que “o cotidiano é aquilo que não vemos nunca uma primeira vez, mas que só podemos rever, tendo sempre já visto por uma ilusão que é precisamente constitutiva do cotidiano”. E vale considerar que optar pela “língua dos afetos” é uma escolha e, como tal, é já determinada por uma política da narrativa que seguimos no trabalho de pesquisa e na clínica, que, de alguma forma, se trata “sempre de uma política da narratividade” (PASSOS; BENEVIDES, 2009, p.150). A partir de cenas e falas oriundas de nossos cotidianos de trabalhos, e agenciadas ao nosso próprio dizer, seguiremos em determinada orientação ético-política cujos efeitos precisam ser examinados a cada instante. Portanto, o cuidado que aqui propomos convoca-nos a uma atitude crítica ininterrupta, problematizando os afetos que nos chegaram e ainda reverberam em nós. É pelo exercício clínico-crítico das afecções em jogo que as experiências de sofrimento poderão ser revistas, expressando novos sentidos e modos de existência inéditos para lidar com os impasses (TEDESCO; SADI; CALIMAN; 2013).

Na tentativa de lançar uma escuta provocadora aos nossos cotidianos de trabalho como professores universitários, faremos uso do que Battistelli (2017) chamou de “cartografias”, uma composição entre a escrita de cartas e o método da cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009; PASSOS, KASTRUP, TEDESCO, 2014). Estamos de acordo com Battistelli e Oliveira (2021, p.683), quando trazem as cartas como possibilidade de trocas com “as/os destinatárias/os textos, afetos, planos, sonhos, e tudo mais que couber em uma conversa que se efetiva num tempo outro (no tempo alargado entre a escrita, a entrega e a possível resposta). Uma conversa com potencial para seguir de forma infinita dependendo da relação que se estabelece entre as pessoas envolvidas”. Neste

"Todo mundo sabe que a universidade adoce": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional mesmo texto de Battistelli e Oliveira (2021, p. 684) há uma aproximação entre a cartografia e práticas de cuidado que se fazem com e na escrita, acionando conversas entre pesquisadoras, autoras e autores. Assim, somos tentadas a pensar que, em uma cartografia nos interessa não somente a escrita das cartas propriamente ditas, mas a possibilidade de uma articulação fluida e direta entre os sujeitos envolvidos. São as trocas, reverberações, ressonâncias, redundâncias e reconfigurações de sentidos que mais nos interessam, seus efeitos multiplicadores resultantes da interferência entre as diferentes vozes envolvidas, tal como Bakhtin (2006) nos sublinhou. Buscaremos a dimensão coletiva da linguagem que aí nos é oferecida, o exercício disruptor que a polifonia das cartas produz, uma vez que é na interferência mútua entre enunciações, no atrito entre as diferenças nos dizeres, que a linguagem melhor assume sua função de provocação, diferenciação e invenção partilhada. A composição entre a escrita de cartas e a cartografia nos oferece pistas para pensarmos a processualidade do próprio ato de trocar cartas, uma vez que, quando estamos trocando cartas não sabemos ao certo o caminho que esta correspondência irá nos levar, bem como os afetos, *insights* e reflexões que serão desprendidos. Tomamos então como nossas duas preocupações de Battistelli e Cruz (2021, p.10) ao se referirem à cartografia: "o que eu posso contar para outra pessoa em uma carta? (...). Quantas histórias são possíveis de serem contadas com/por cartas?". Nossa aposta neste texto é que a cartografia nos permita apreender a vivacidade da narrativa, captando a interferência entre diferentes vozes que nos permitam seguir na orientação ético-política capaz de romper com nossas crenças e hábitos, para criar e propor outros modos de apresentar, pensar, ler e analisar nossos cotidianos de trabalho.

Dito isso, lançamo-nos agora à continuidade dessa correspondência entre nós professores e convidamos vocês, leitoras e leitores, a percorrer conosco algumas linhas de preocupação.

Grande abraço!

Silvia Tedesco
Dayse Bispo Silva
Luciano Bedin da Costa

Carta 2⁴

São Paulo, março de 2022

Queridos cartógrafos Dayse e Luciano,

Escrevo a vocês, retomando a cena que nos acompanha há anos na nossa universidade e com ela a enunciação-problema: “A universidade adocece!”. Penso que é na vontade de conjugar ressonâncias de nossas práticas universitárias, na aposta da interferência recíproca entre nossas cartas, geradora de novos modos de olhar e dizer, que encontro uma possível brecha para buscarmos outros encaminhamentos para o sobressalto que a cena nos produz. Eu me pego aqui sondando a dimensão do espanto compartilhada e, aos poucos, seguindo por reflexões sobre a aliança entre dimensão transdisciplinar da clínica e o pensamento da Análise Institucional, me vejo retomando o impasse como um não saber analisador. A problematização é disparada. É a política da clínica. Um número cada vez mais alto de estudantes universitários caem em profundo sofrimento. Pesquisas apontam maior adoecimento entre de jovens universitários, se comparado com o sofrimento registrado em jovens da mesma faixa etária (MACHADO, 2020). Muitas falas dos estudantes têm no abandono do curso a única solução. São queixas fortes sobre solidão, isolamento insuportável. A hipermedicalização se espalha, taxas de tentativas e de suicídios aumentam. O que acontece?

Diversos artigos e discursos disparados pelas universidades que discutem o tema, muitos da nossa própria universidade, trazem a vulnerabilidade dos estudantes. Apontam a imaturidade, o momento da vida de muitas transformações e sublinham as responsabilidades e dificuldades com o mundo universitário, exigente de muito esforço e competência. Levantam e listam fatores obstaculizadores da adaptação desses estudantes a esse novo mundo tão especial e qualificado, optando pela busca de soluções pelo viés do fortalecimento de fatores de facilitação, de práticas para redução da ansiedade, frente à realidade desafiante. Localizam o problema exclusivamente no sujeito, na vida interior, no despreparo, na insuficiência a ser superada, na incapacidade de lidar com a aspereza própria dos desafios (FONAPRACE, 2019). O caminho da individualização do sofrimento é seguido por dezenas. Ao centrar a questão exclusivamente no indivíduo, a dimensão política parece desaparecer, as implicações da instituição também desaparecem, e, uma vez restringidos os fatores determinantes à dimensão pessoal, somem de cena grande número de componentes indispensáveis à

⁴ Agradeço muito à minha equipe de estagiários, assim como as equipes de minhas colegas Catarina Resense, Adriana Rosa e Silvana Mendes, que atuaram nesse projeto clínico-institucional no SPA/UFF, pelo material e às muitas discussões que desenvolvemos e que agora posso trazer neste artigo.

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional cartografia das forças, ou seja, das políticas dos afetos ali atuantes. Essas análises nos indicam a necessidade de ampliar a cena.

O que acontece na universidade? Lembra de nossa conversa, Dayse? Ao trocarmos ideias sobre nossas atividades junto aos estudantes? Nossas falas reverberaram na produção de mais pistas apontando que a clínica precisa assumir mais fortemente sua dimensão institucional. "O curso de psicologia adocece", comenta a aluna da sua universidade. Esse dizer, uma vez agenciado à experiência dos atendimentos que fazemos no Serviço Aplicado de Psicologia (SPA), nos levou a reconfigurar nossa problematização. Afinal, no SPA não atendemos somente estudantes de psicologia e, no entanto, ouvimos a mesma queixa em relação aos outros cursos. Nesse momento, a questão ganha outro recorte: "A universidade adocece!". Frase, certa na polissemia, produz espanto. Seus vários sentidos nos mostram a multiplicidade da cena, ela segue diferentes direções. Dois sentidos, a princípio, chamam a atenção e, em especial, o hibridismo semiótico exposto. "A universidade adocece" oscila fortemente entre "a universidade nos faz mal" e "a universidade anda mal". Diz de uma crise na universidade, de uma configuração de forças no seu processo de institucionalização ininterrupto, tensão paralisante que atinge a todos por contágio e nos convoca a reagir à triste constatação da crescente inospitalidade de nosso cotidiano de trabalho e estudos, expresso no sofrimento do alunado? Esse é nosso ponto de partida, que nos impede de seguir em frente, sem incluir no nosso trabalho clínico essas forças institucionais, forças do instituído, presentes na universidade, disparadoras do que nos perguntamos: que universidade estamos produzindo? Que universidade queremos?

Beijos,
Silvia

Carta 3

São Paulo, março de 2022

Queridas Silvia e Luciano,

É muito bom poder trocar minhas inquietações aqui com vocês. Tenho apenas um ano neste papel de professora de graduação de psicologia, mas já são muitas intensidades.

Começar a ensinar psicodrama no meio de uma pandemia pareceu-me surreal, a tridimensionalidade viva do psicodrama precisou ser adaptada a uma tela retangular bidimensional, eu realmente não sabia o que esperar. Mas o meu verdadeiro choque foi encontrar alunos de segundo ano de graduação adoecidos. Depois de um ano de pandemia e de ensino on-line, boa parte dos alunos

TEDESCO; BISPO; COSTA.

falavam de um cansaço desmotivador, um misto de ansiedade com depressão, medo e impotência. Fiquei assustada. Logo comecei a participar de outros espaços de discussão na faculdade e fui entendendo a proporção desse adoecimento universitário.

Minhas primeiras inquietações, registradas em mensagens de texto com vocês, me ajudaram a ter mais atenção e cuidado aos efeitos de uma vida universitária, principalmente naquele período da Pandemia. Mas que vida? Certa vez uma aluna compartilhou "Meu computador fica no meu quarto, então eu acordo na universidade, faço minhas refeições na universidade, deito com a universidade no meu colo e eu não consigo às vezes tirar o pijama. Quando chega final de semana, a universidade se transforma numa videochamada com meus amigos, ou numa maratona de séries aleatórias da Netflix só para passar o tempo. Eu já não sei o que é viver sem meu computador ligado.". Forte né?

Alunos de outros anos foram compartilhando que não era só "culpa do on-line", o adoecimento já estava presente no curso antes da Pandemia começar. Essas falas vão tomando uma corporeidade importante de ser discutida e elaborada, para entendermos este acontecimento e encontrarmos brechas de criação de outras formas de se experienciar a vida acadêmica.

Percebemos que estamos todos atravessados pelas institucionalidades acadêmicas, principalmente agora com o retorno das aulas presenciais. Ainda não sei que caminhos propor, mas aposto que é pela coletividade heterogênea que poderemos construir algo que tenha potência de vida. Por isso me provoca quando você traz os relatos do SPA, de um sofrimento que fala de uma solidão e isolamento insuportável, mas que tem como primeiro ato de cuidado a procura pelo SPA para uma psicoterapia individual, como se a problemática tivesse no mesmo plano do "isolamento insuportável". Claro que pensamos a clínica de um outro lugar, como diz Passos e Benevides (2001), a clínica mais que uma atitude de acolhimento, mas como um ato de produção de desvio (clinamen), de produções de subjetividade que apostam na experimentação da vida.

Eu tendo também a pensar a Análise Institucional como um ponto de partida para refletirmos sobre estas nossas inquietações, mas fico ainda buscando espaços (e tempo cronos) que possibilitem estas reflexões. Para mim parece que isso vem antes dos analisadores...

Questões que nos produzem espanto, mas ao mesmo tempo nos deslocam e nos provocam para estarmos aqui juntas tentando nos conectarmos, mesmo em universidades diferentes.

Este espaço aqui com vocês também faz parte desse meu desejo de não permitir que esses atravessamentos enrijeçam este papel tão querido para mim.

Conto com vocês nesta trajetória,

Dayse

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

Carta 4

Porto Alegre, março de 2022

Queridas Silvia e Dayse, fiquei muito tempo pensando em como iniciar minha carta, uma vez que queria fugir dos clichês “espero que estejam bem” ou algo do tipo. Um dos ganhos linguísticos que tivemos com a pandemia (é estranho pensar em “ganhos” em se tratando desta pandemia) foi a necessidade que tivemos de relativizar o famigerado “tudo bem”, que tanto usávamos em nosso cotidiano e que se mostrou insuficiente. Do “tudo bem” chegamos ao “espero que estejam bem dentro do possível”, uma atitude de cuidado tendo em vista os limites de um tempo tão carregado de inseguranças, ansiedades e angústias. Faço todo esse preâmbulo para dizer que espero que vocês estejam bem dentro do possível, e que no contexto deste possível possamos estabelecer nossa correspondência. Aliás, esta questão do possível é algo que me parece bem importante quando me coloco a pensar no que nossas e nossos estudantes de graduação e pós-graduação têm dito sobre as práticas de saúde e adoecimento no contexto universitário. Em 2019 orientei uma pesquisa de conclusão de curso em que buscávamos investigar a temática da saúde mental por meio das vivências e percepções de licenciandas de pedagogia (SILVA, 2019). Nesta pesquisa participaram 100 estudantes de graduação, que responderam a um questionário com questões voltadas ao tema. Boa parte destas estudantes relataram já ter vivido algum tipo de sofrimento psíquico relacionado a questões acadêmicas. Isto fica evidente em uma das questões, quando perguntamos: “Se você viveu/vive algum tipo de sofrimento, descreva, em síntese, o que você sentiu/sente. Há relação do meio acadêmico nesse sofrimento? De que forma?” (SILVA, 2019, p. 37). 82% das estudantes relataram algum tipo de sofrimento, o que nos gerou bastante surpresa (nossa hipótese era a de um índice alto, mas não próximo ao que foi constatado). Outra coisa que nos tocou nessa pesquisa foi que as palavras que mais apareceram quanto ao que as estudantes sentiram/sentem, foram elas: ansiedade/crises de ansiedade, sobrecarga em relação às demandas, cobrança/pressão excessiva oriunda de demandas acadêmicas, cansaço e estresse (SILVA, 2019).

As respostas para esta questão foram institucionalmente muito preocupantes, uma vez que apresentam a universidade não somente como um espaço capaz de acentuar sofrimentos anteriores, como também causa do próprio adoecimento. Divido com vocês uma das respostas que mais me chamou a atenção, que foi dita por uma estudante de pedagogia com 20 anos de idade:

TEDESCO; BISPO; COSTA.

“Incapacidade, decepção desmotivação e tristeza em relação à realização e desempenho de trabalhos e nas apresentações. Não me senti pertencente e justa de estar ocupando uma vaga na federal por não alcançar determinadas expectativas.”

Resolvi grifar a frase acima pois me pareceu muito grave o que esta estudante relata. Lembrei de Paulo Freire no livro *Pedagogia do oprimido* (1987), quando diz que a pior exclusão não é a que se opera de um sujeito em relação a outro, mas aquela que se dá no interior do sujeito oprimido, que não se sente digno de um lugar ou espaço. Bem, encerro esta carta com a sensação de que precisamos urgentemente pensar o lugar que as universidades ocupam na vida desta(e)s estudantes e de nós trabalhadora(e)s. Se a universidade é feita por nós, o que nós estamos fazendo de nós mesma(o)s?

Grande abraço, no aguardo do outono que não chega!

Luciano

Carta 5

Rio de janeiro, março de 2022

Amigues,

Com as leituras das cartas de vocês fiquei pensando em especial que o que temos experimentado nas nossas universidades ativou memórias vivas que ressoam desde há muito, mas que sofreram especial recondução durante a apresentação e debate do meu trabalho clínico-institucional no encontro de nosso grupo de pesquisa da ANPEPP em 2019. Lá, eu trouxe para a conversa o trabalho disparado a partir da constatação do sofrimento muito recorrente nas queixas dos estudantes que procuravam atendimento clínico no SPA. Quando você, Dayse, fala dos efeitos de minha fala sobre seu trabalho, percebo que estas cartas que escrevemos, agora, já começaram a ser gestadas lá trás e que a partilha entre nós se mantém sempre atuante.

Iniciei minha fala (lembra?) a partir da experiência de atordoamento que o trabalho clínico nos trazia na UFF, por ter que lidar com a universidade e também conosco que estamos nela, pela implicação no sofrimento dos alunos, nas práticas provocadoras de desvalia, de desarranjos desqualificadores. Minha apresentação suscitou muitas perguntas, comentários e, particularmente, me chamou a atenção os relatos carregados de incômodo sobre experiências similares e a vontade de pensar juntos a questão. Aquilo que cada um trazia, ainda sem muita clareza, ali naquele momento,

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional começou a ganhar forma. Cada um que se manifestava, compunha com mais aspectos, mais desdobramentos para a questão que expandia e se detalhava. Enfim, ganhava melhor contorno, ou melhor, outros contornos... A conversa produziu uma experiência de contágio! A troca tinha ajudado a ver/dizer questões ainda subliminares, tensões críticas, ainda indizíveis/invisíveis, mas já atuantes no funcionamento das nossas universidades. O atordoamento que ainda comparecia como uma questão privada, naquele momento, foi ganhando mais claramente delimitação como problema de pesquisa para todo nosso grupo. A problematização se recortava, ao mesmo tempo, para os outros e para mim naquela conversa. Estávamos juntos, éramos muitos a sustentar o impasse e a busca de resoluções. Aquele dia cuidou de mim!

É certo quando acessamos a dimensão coletiva em nós! E aí me vem a pergunta: não seria esse mesmo efeito que queremos produzir nos alunos? Víamos então que, num mesmo movimento, nossa questão no SPA-UFF ressoava nas tensões vividas em outras universidades, a interrogação que sofríamos sobre “que universidade estávamos construindo” foi reformulada para “que universidade queremos construir?” e reconduziu as pesquisas por outros caminhos. Comentar nossas práticas na universidade nos levaram todos, não só a pôr em questão o projeto universitário de produção partilhada de saberes, como também buscar modos de intervir, de produzir mudanças. Busco aqui a polissemia que o roçar entre os múltiplos relatos oferece. São vários planos de experiência do dizer/fazer que se cruzaram e se agenciaram. Assim como se deu na USP, visamos nessas cartas aproveitar a potência que o processo de coletivização faz emergir: as experiências se transversalizam e, com elas, os modos de sentir, dizer, saber, fazer, expondo a perspectiva transdisciplinar da clínica e da pesquisa. Essa mesma proposta também conduz, agora, nossa cartografia. Visamos desajustar o pensamento, deixá-lo desdobrar-se nas relações de intervenção recíproca de nossas cartas. A partilha com o grupo de pesquisa na USP ainda vem gerando boas ressonâncias nas experimentações clínicas que realizamos no SPA da UFF. Passo ao relato.

A prática clínica que trago aqui começa com o grupo de três supervisores que, seguindo pistas enunciadas por Guattari, em especial no livro *Psicanálise e Transversalidade* (2006), tomam a decisão de utilizar o dispositivo clínico-grupal visando potencializar a dimensão política da clínica, ao coletivizar experiências até então percebidas como privadas, circunscritas ao sujeito e à sua dita realidade íntima. Falo agora do conceito de agenciamento coletivo de enunciação. Retomo dois modos de manejo clínico-grupal já comentados acima: a circulação das falas e as interferências recíprocas. Os dois aspectos do manejo provocaram dois efeitos interligados que nos interessam: a reconfiguração das narrativas e de seus sentidos e, com esta, a reconstrução coletiva dos afetos experimentados na

TEDESCO; BISPO; COSTA.

universidade. Volto aos modos de manejo. Primeiro deles diz da ativação de algo que atravessa a todos, daquilo que é de todos, não sendo, portanto, de ninguém e que, em especial, revela um conjunto de determinantes mais amplo que o da vida íntima de cada um. No lugar da experiência individualizada, propomos a coletivização das afetações que permaneciam silenciadas porque submetidas ao controle da prática diária da individualização, da privatização do sofrimento que, uma vez circunscrito ao indivíduo, lhe provoca afetos de culpabilização, de insuficiência para realizar seus projetos. “Eu não estou preparado”, “não dou conta”. Já nas conversas iniciais do atendimento em grupo observam-se os efeitos das reverberações entre as falas constituidoras de grupalidade, do acesso à dimensão coletiva em nós. Ao se escutarem uns aos outros, aos poucos percebem que narram situações geradoras de sofrimento muito similares. “Eu posso fazer minhas, as muitas falas ditas aqui!!!”. Histórias muito parecidas vão se repetindo e, aos poucos, vai sendo possível ser explicitado pelo próprio grupo que o sofrimento não é assim tão particular e íntimo a cada um. As cenas trazem o dia a dia da universidade, são geradas por algo em comum, a relação com a universidade. A aposta do manejo clínico foi na circularidade da palavra como modo de trabalhar o isolamento, estimulando o compartilhamento dos impasses. Ao se coletivizar a narrativa do sofrimento, a dimensão institucional do problema ganhou lugar na cena. Afinal todos traziam um mesmo contexto gerador dos impasses. Dessa maneira a dimensão política da clínica compareceu e colocou em questão os determinantes deste sofrimento e convidou a repensarem juntos as experiências (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014).

Esse movimento de grupalização se desdobra em um segundo modo de manejo. Pois, vale sublinhar que diferente de entendermos a partilha das dificuldades, do sofrimento, como busca de apoio pelo consenso, pela unificação dos sentidos que sofrimento carrega para o grupo, pelo efeito de síntese homogeneizante, o trabalho clínico se volta às diferenças expostas nas perspectivas.

Passamos, então, ao segundo efeito resultante da diversidade própria à multiplicidade. Ficamos à espreita do surgimento de pontos de vista desviantes para ativar, nesses encontros discordantes, oscilações de sentidos, as surpresas que o leve atrito entre diferentes pontos de vista provoca. Perceber outros modos de sentir e de agir, como possibilidades ali efetivadas e acolhidas, serve para interrogar o sentido único, já desgastado daquelas experiências, e, no mesmo movimento, pôr em dúvida afetos dominantes, que sempre retornavam, que se repetiam de modo idêntico num círculo vicioso intolerável (TEDESCO, 2010). “Não consigo frequentar as aulas, me concentrar para estudar, a sensação é que não faço parte dali”. Para tal, o manejo clínico precisa cuidar para que o grupo não caia no risco dos confrontos binarizantes entre dizeres, numa disputa opositiva entre os

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional distintos posicionamentos que manterão os diferentes dizeres apartados um dos outros. É o contágio que buscamos. A escuta clínica fica à espreita dos momentos em que os diferentes pontos de vista não mais tentem se anular mutuamente mas, no lugar, busquem outros modos de contato entre diversos, aqueles que, longe de produzir relações de dominação ou consenso fácil, funcionem por estranhamento e contágio, numa relação ou função, que M. Bakhtine conceituou e denominou *interferência* (BAKHTIN, 1992). As enunciações intervêm umas sobre as outras sem qualquer preocupação com a prioridade de algum ponto de vista em particular. Elas vão se deixando afetar por outras enunciações e com os outros sentidos que estas carregam. O manejo clínico-grupal opera a detecção e assinalação das falas que ostentam nelas o encontro distante da dicotomização, para que, alheias às forças de oposição, ajam umas sobre as outras, carregando o sentido para outras paisagens e mundos outros. O cuidado clínico se faz na espera, na espreita dos sentidos divergentes e nos momentos em que a diversidade não gera nem busca de consenso nem litúgio, mas como composição heterogênea. É nessa direção que estamos seguindo por lá, mas com certeza ainda temos muito que seguir!

Beijos

Silvia

Carta 6

São Paulo, abril de 2022.

Querides,

Fiquei refletindo muito sobre nossas trocas aqui. Fui me percebendo mais atenta e sendo mais flexível com o programa de ensino. O lado bom do psicodrama nisso é que podemos praticar a teoria trabalhando temas da vida, e a cada prática que fazíamos eu percebia o quanto aquele espaço pedagógico era também terapêutico porque era único na faculdade.

Volto ao psicodrama para pensar que o grupo, como um espaço de coletivização, é importante e potente na constituição subjetiva do sujeito. Importância de pensar que a formação universitária não acontece apenas nas salas de aulas e nos seus conteúdos acadêmicos, mas também nos corredores, nos bares ao final do dia, no encontro com outros anos, outros cursos, outras universidades. Produzir grupalidades desde o seminário para avaliação ao centro acadêmico estudantil. A pesquisa que Luciano traz mostra isso: o alto índice de adoecimento, mas que, ao mesmo tempo, indicam a

TEDESCO; BISPO; COSTA.

coletivização na universidade como pista para esse cuidado. Trago uma citação do Guattari para nos ajudar a buscar referências de reflexão:

O fato de a instituição universitária organizar-se de modo a atender a necessidade de promoção hierárquica tal como definidas pelas empresas privadas e estatais sufoca o aspecto cultural e formador que deveria ser o essencial dos "anos de aprendizagem". Os estudantes, que têm de assumir as dificuldades de seu próprio desenvolvimento no contexto de uma "frequentação" dos problemas científicos, literários, filosóficos mais elaborados da Humanidade, são tratados na verdade como sobras, como parentes pobres da sociedade. (GUATTARI, 2004, p. 94-95)

Foi também ficando claro que, por mais que a experiência proporcione um respiro para os alunos, ela não se faz suficiente porque ela ainda está na lógica da individualização do problema. A universidade tem uma implicação importante nesse adoecimento. Lembro-me da Psicoterapia Institucional quando Guattari diz "Insistamos no fato de que esse processo de análise do ambiente não pode ser realizado a partir de fora: ele deve estar ligado de corpo e alma à própria instituição" (2004, p. 90) e fico com vontade de provocar fissuras na universidade. Mas logo percebo que estou atravessada de muitas instituições lá dentro, muitas delas muito rígidas e com poucos espaços de rupturas, principalmente para uma professora que acabou de entrar nesse espaço.

Encontro ressonância com o trabalho da Ana Maria Fernandez da Universidade de Buenos Aires que realiza uma Jornada de Produções Grupais na conclusão do curso de psicologia. São várias oficinas que trabalham os temas da formação universitária através de plenárias, dispositivos grupais psicodramáticos com produção de material em posters ao final para compartilharem o que foi experimentando numa Jornada pós plenárias (FERNANDEZ, 2008).

O desenho dessa Jornada aposta em proporcionar aos alunos experiências grupais no processo de aprendizagem. Não se trataria apenas de ensinar grupos "grupalmente", mas sim criar as condições pedagógicas que possibilitariam produzir um pensamento sobre o grupal, a subjetividade, as instituições, onde os "analísadores institucionais" são as pontes entre as atividades.

Portanto intenciona criar condições para experienciar instâncias grupais-institucionais por parte dos alunos, diferencia-se de um dispositivo de uso clínico já que evita deter-se e/ou indagar em termos do íntimo-privado e convida a refletir sobre o que acontece nessa experiência para articular com as ferramentas teóricas. (FERNANDEZ, 2008, p. 141, tradução livre)

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

Um outro aspecto que é relevante dessa experiência é que impacta para os estudantes a presença de todo corpo docente da universidade nesta Jornada. Ela diz "Em uma universidade - e em uma sociedade - onde o sócio se apresenta geralmente fragmentado, desagregado, a presença de todo o corpo docente trabalhando muitas horas com os alunos e em uma forma acadêmica não habitual faz com que estes valorizem particularmente esta experiência." (*ibidem*, p. 142, tradução livre).

Aqui na nossa universidade, começamos um Grupo de Trabalho sobre o assunto da saúde mental dos estudantes. Chegamos a investigar por meios de questionários como estavam os/as estudantes, mas as demandas produzidas pelo retorno ao presencial nos paralisou. Muito importante estar discutindo e buscando elementos criativos para propor outras formas de ampliar essa discussão.

Carta 7

Porto Alegre, maio de 2022

Oi gurias! Da última carta que escrevi já se passaram quase dois meses. Neste intervalo de tempo muitas coisas se passaram, um caminhão de coisas feitas e a fazer. Fiquei pensando na pergunta que encerra esta última carta: "O que vocês têm experimentado nas universidades de vocês?". Achei bacana o verbo utilizado na pergunta, que é o experimentar, e não o fazer. O mais comum é ouvirmos perguntas do tipo "o que tu tens feito?". Diante destas, costumamos elencar as coisas que fazemos, muitas vezes um fazer conectado à rotina, às coisas que realizamos *meio que querendo, meio que obrigadas*. Já, diante do experimentar, sinto que somos convocados a parar um pouco, a pensar no que, das tantas coisas que fazemos, estamos mais implicados. Isso vale para as coisas da casa, da família e também do trabalho. Na onda das coisas que tenho experimentado, gostaria de compartilhar com vocês a alegria que tivemos ao lançarmos um livro de poesias junto a estudantes de pós-graduação, lançamento que ocorreu na Faculdade de Educação da UFRGS, e que nos mobilizou bastante. Isso aconteceu no final de abril, mas ainda está muito presente enquanto escrevo para vocês. O livro foi resultado de uma disciplina ministrada na pós-graduação no final de 2021, onde conversamos sobre escrita e dispositivos de cuidado. O livro se chama *Acrônico, 2020* (BANDEIRA & COSTA, 2021), contando com 41 autoras e autores, que se dispuseram a escrever juntas e juntos, a enfrentar (com poesia) um tempo pandêmico nada amistoso. O interessante foi que somente no início do lançamento do livro que nos demos conta de que se tratava do primeiro evento presencial realizado na Faculdade de Educação após os dois infinitos anos de ensino remoto. Mesmo não sendo muitos os

TEDESCO; BISPO; COSTA.

presentes, foi muito emocionante retornar à universidade e reencontrar colegas e estudantes. Ainda sem saber ao certo como lidar com nossos corpos em presença, nos aventuramos aos tão esperados abraços, alguns demorados e profundos, em resposta à saudade e vontade de ficar juntas e juntos. Trago este acontecimento pois me parece que ele traz a dimensão da saúde enquanto prática de cuidado, de uma saúde que se produz nas (e apesar) das instituições, em linhas de cuidado e afeto que se entrelaçam em torno de objetivos comuns. No caso do evento em questão, os objetivos me pareceram dois: o primeiro, mais evidente, dizia respeito ao próprio livro de poesia a ser lançado; o segundo, que me pareceu vir a reboque, foi o desejo de retornar à universidade e rever pessoas queridas. Lembrei imediatamente da pesquisa com estudantes de pedagogia sobre a qual falei na minha carta anterior, mais especificamente da pergunta final do nosso questionário: “Que tipos de serviços ou espaços você acharia interessante que a Universidade promovesse no campo da saúde mental?”. Para nossa surpresa, a resposta predominante (que correspondeu a 43% das respostas) não foi a demanda por espaços ou atendimentos individuais (presente em 31% das respostas), mas a vontade pela criação de espaços coletivos de conversa e escuta (SILVA, 2019, p. 42-43). Fiquei aqui pensando porque não apostamos mais nestes espaços de conversa, em espaços formais e informais de coletividade, tecnologias de cuidado bastante leves e institucionalmente baratas. Será que estamos escutando o que a(o)s estudantes estão nos pedindo? Será que estamos escutando a nós mesma(o)s? Neste sentido, penso muito como vocês, Dayse e Silvia, neste alerta sobre a individualização do sofrimento e da experiência psíquica, e na possível saída pelo viés do coletivo. Penso novamente na frase “Todo mundo sabe que a universidade adoecer”, em quem será este “todo mundo”. Penso nas práticas micropolíticas de cuidado que se engendram no cotidiano de nossas instituições, experiências que se tramam em meio às nossas aulas, pesquisas e extensões universitárias, e que muitas vezes não ganham a visibilidade que talvez lhes fossem necessárias.

Considero-me adepto às práticas coletivas, e talvez por isso seja um grande entusiasta deste espaço micropolítico chamado aula. Neste sentido, é triste quando vejo estudantes adoecendo em função das aulas, das demandas excessivas por meio das disciplinas, e da pouca sensibilidade por parte do(a)s professore(a)s. Fico pensando que esta universidade adoecida e que faz adoecer é também a universidade sobre a qual estas experiências de cuidado se fazem ainda presentes. Quando digo “ainda presentes” é porque vejo tais espaços cada vez mais ameaçados, uma vez que não se trata meramente de uma institucionalização. Para que haja escuta e acolhimento é necessário que tenhamos condições de trabalho que favoreçam a aposta por tais espaços, que a compreensão da necessidade de tais espaços não seja individual, restrita a iniciativas pessoais de pesquisa e extensão. Fico pensando

"Todo mundo sabe que a universidade adoce": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional nos nossos serviços de acolhimento e atendimento (tão escassos e tão importantes), como também nos espaços micropolíticos, uma rede que institucionalmente poderia se fazer de modo mais articulado, em que estudantes e docentes poderiam acessar a partir de múltiplas entradas e saídas. Penso também que estas e estes estudantes que dizem que a "universidade adoce" são as mesmas que apontam para possíveis respostas ao problema, em tecnologias coletivas de escuta, conversa e acolhimento. Estas são questões que trago comigo, não no intuito de solicitar resoluções fáceis, mas de lançar alguma pista possível para lidação de um problema que nos atravessa como um todo.

Um grande abraço (com muito frio!)

Carta 8

Brasil, maio de 2022.

Nas nossas trocas vamos nos percebendo inquietas, com muitas perguntas e procurando pistas de como podemos pensar o adoecimento da/na universidade. Algumas já tínhamos: uma aposta na coletivização, na potência que no grupo/com o grupo se troca, se compartilha e abre-se para possibilidade de criação de linhas de cuidado para além daquela individualizante. No entanto, logo percebemos que trazer o coletivo apenas não basta. Entendemos que partimos do coletivo e estamos às voltas de um movimento decolonial em nossas práticas acadêmicas e também na clínica. Talvez essa seja a nossa principal pista e ela aparece aqui porque estamos imersos nessa questão e atravessados pelo adoecimento provocado pela nossa condição de existência nessa máquina capitalista.

Reconhecemos, nos relatos, as mesmas afecções geradas no dia a dia dos estudantes que nos chegam à escuta clínica. As falas são de medo, paralisia, isolamento, e carregam excessos e insuficiências, aliados a avaliações, cobranças infundáveis. "Noventa por cento de vocês vão reprovar!", "Do seu lado, não tem um colega, mas um competidor." As narrativas expressam a forte meritocracia, competição, individualização e, na sequência, outros tantos relatos trazem mais intimidação, mais palavras de ordem judicativas. "Todo dia me é dito de diferentes maneiras que aqui não é meu lugar".

Apesar de já reconhecermos o forte conservadorismo de muitas áreas da universidade, não consideramos a extensão do processo de exclusão do alunado. Assusta a amplitude e a força da política

TEDESCO; BISPO; COSTA.

dos afetos na produção da despotencialização. Ouvimos um recorrente sentimento de “desautorização”, de não reconhecimento pelo direito de ocupar uma vaga na universidade.

Seguindo na procura pela ampliação dessa nossa parceria, trazemos para nossa conversa um artigo publicado por professores da UERJ, a primeira universidade a iniciar a política pública das cotas, que diz da realidade atordoante dos suicídios do alunado e vincula o sofrimento dos estudantes fortemente ao racismo, à atitude classista, expresso no pressuposto implícito, no sentido dominante nas mensagens sutis, mas certeiras, dirigidas aos estudantes. Acionados também pelo artigo, reconhecemos que o sentido reiteradamente sublinhado aos estudantes é que ali se trata de um espaço muito especial (para poucos!!), cuja excelência da discussão, das pesquisas, precisa ser protegida do risco de decair pela ampliação da comunidade acadêmica.

A partir daí, a questão da decolonialidade se expõe fortemente. Percebemos as ações afirmativas, assumidas muito tardiamente pelas universidades brasileiras, exigindo a reconfiguração ampla da comunidade acadêmica, visto que revisão reparadora dos séculos de exclusão começa a mexer nos critérios sobre quem tem o direito a vaga na universidade, ou seja, quem tem assento nas salas de aula e, conseqüentemente, quem tem lugar reservado na produção do saber. Chama nossa atenção um ponto crucial do problema: alterar o perfil dos ocupantes da universidade envolve, quando inclui nos debates maiores contingentes da população brasileira, enfrentar novos temas, formular questões ainda ausentes no foco das pesquisas.

São preocupações indispensáveis que mexem com todas! Provocam! E que ficaram até então silenciadas, fora das discussões da universidade, uma vez que, como nos diz Neusa Santos (2021), a história da ascensão social do negro brasileiro reproduz a história de sua assimilação aos padrões brancos. Tal como acontece com a dos povos originários. Há tempos acompanhamos e desenvolvemos em nossas pesquisas empíricas discussões guiadas pelo pensamento crítico, que exigia o rechaço das verdades geradoras de padrões gerais, para todos, experimentalmente validadas em e por referenciais teóricos pertencentes a determinados grupos sociais e “distribuídas” como conhecimento neutro, isento de determinações histórico-políticas (FOUCAULT, 2004). Não estariam essas hierarquias e generalizações também presentes nas dificuldades de lidar com a reconfiguração que a universidade precisa levar à frente?

Com Silvio Almeida (2020) e Mbembe (2018) podemos novamente recolocar a questão das produções das verdades e das composições de forças políticas atuantes na produção e reprodução dos saberes, provocados agora pelos referenciais da decolonialidade.

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

O pensamento crítico desses autores rompe o ciclo ininterrupto que reeditava a universidade e seus preconceitos e discriminações. Silvio Almeida (2020) nos traz a concepção de racismo estrutural, avançando a noção tradicional de estrutura para incluir a historicidade, e nos leva a considerar os efeitos danosos que a individualização provoca nos processos de subjetivação, como base do falso nexo, tão fortemente alardeado, que busca justificar a desigualdade pela meritocracia.

Mbembe (2018) ao assinalar a importância do pensamento crítico, nos propõe a complexificação geopolítica da noção foucaultiana de jogos de forças, com seus inúmeros vetores, próprios aos processos de construção da realidade, incluída aí as subjetivações-estudantes. Nesse desdobramento de sua conversa com Michel Foucault, o autor traz questões que reverberam tal dimensão micromolecular e sublinha mais fortemente os aspectos clínico-políticos, resultantes do plano movente de forças, a partir do qual podemos compreender a universidade também se expondo como gestora de vetores carregados de preconceitos e hierarquizações rígidas: meritocracia, patriarcado, classismo, racismo, homofobia, ou seja, deixa ver aí suas implicações nesse jogo de produção do sofrimento. São tendências, pressões que as atravessa e, por ressonância, também a responsabiliza pelas subjetivações despotencializadas que temos acolhido nos nossos atendimentos.

Nessa rede discursiva, esses modos de dizer na sua relação de determinação recíproca com os modos de fazer, ver, sentir, agir, somos convidados a lidar com tais territórios existenciais como mapas em movimento, em gestação ininterrupta. Surgem, então, as falas e ações da instituição universitária, apontando uma mesma orientação, um mesmo sentido.

Os dizeres, assim como outras práticas, agem sobre esses estudantes na produção de maneiras de fazer acreditar, de fazê-los se verem definidos pela insuficiência, pela incompetência, pela falta de condições pessoais para cursar a universidade, ou seja, repetem insistentemente decisões sobre quem tem e quem não tem direito a um lugar na universidade. As redes de discursos e outras práticas cotidianas agem na modelação dos corpos que, uma vez enfraquecidos, não seriam capazes de acionar modos de agir no trato dos seus gestos cotidianos na universidade. A estratégia da exclusão é produzir experiências de fracasso, instaurar repetidas situações onde a dúvida sobre a competência de quem ocupa a universidade é o sentido principal.

Paramos por aqui nossas cartas, nessa configuração que vigora de mais problematizar que responder, mas anunciando como uma orientação ético-política a desindividualização do problema, realizada através da construção de coletivos possíveis. É nesta proposta que estamos apostando, acionando outros vetores e tensões, em especial os que podem criar condições de escape às armadilhas das relações com o saber-poder.

Estas cartas ainda estão em construção...

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BATTISTELLI, B. **Carta-grafias: entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. 2017. Disponível em: <>. Acesso 8 mar. 2022.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. HUCITEC. São Paulo. 2006

BATTISTELLI, B. CRUZ, L. Cartografias: a escrita acadêmica entre cuidado, pesquisa e acolhimento. *Revista Subjetividades*. 21 (2), 2021, p.1-13. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e11048/pdf>>. Acesso 8 mar. 2022.

BATTISTELLI, B. OLIVEIRA, E. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 679-701, maio/ago. 2021, p. 679-701. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>>. Acesso 8 mar. 2022.

BANDEIRA, Larisa V. COSTA, Luciano B (org). **Acrônico, 2020**. Porto Alegre: Nota Azul, 2021. Disponível: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001140627&loc=2022&l=ffba6668c-cb1871c>>. Acesso 16 mai. 2021.

BLANCHOT, M. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

GUATTARI, F. Reflexões sobre a Terapêutica Institucional e os problemas de higiene mental no meio estudantil. In: **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2004. p.85-100.

FERNANDEZ, A. M. **Las Lógicas Coletivas: imaginários, cuerpos y multiplicidades**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS (FONAPRACE). **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior**. Brasília: FONAPRACE, 2019.

FOUCAULT, M. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade In: **Ditos e Escritos V**, São Paulo: Forense, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

MACHADO, Y. F. **Saúde mental na Universidade: Cartilha Informativa**. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2020. p. 34.

MBEMBE A., **Necropolítica**. São Paulo: n-1. 2018.

"Todo mundo sabe que a universidade adocece": cartografias sobre saúde e adoecimento institucional

PASSOS, E. BENEVIDES, R. Clínica e Biopolítica na experiência do contemporâneo. *Psicologia Clínica*. V. 13 (1). **Revista do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, 2001.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Clínica, política e modulações do capitalismo. In: Janne Calhau Mourão. (Org.). **Clínica e Política 2. Subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas**. Rio de Janeiro: Abaquare. 2009, v. , p. 157-166.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade** (vol. 1). Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Silvia (orgs). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum** (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2016.

SOUZA, N.S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

SILVA, L. R. **Saúde Mental no ambiente acadêmico**. Uma investigação sobre as percepções e vivências das licenciandas em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2019. Disponível:
<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001113897&loc=2020&l=86016d28e0307b12>>.
Acesso 8 mar. 2022.

TEDESCO, S.H., Modos de resistência nas redes linguísticas. Em: Araújo Lima, E.; Leite J.; Aragon L. E., (Org.). **Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos**. Curitiba: CRV, 2010. p. 165-177.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.2, 2014. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006> Acesso 09 de agosto de 2022



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 14/08/2022
Aprovado em: 14/11/2022